

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

A CEVA HUMANA

Um viajante francez acaba de descobrir em territorios africanos colorados sob os dominios portuguez, francez e inglez, verdadeiros parques de engorda humana.

Conta elle que viu em grandes espaços de terreno vedados por sebes, magotes de negros, que estão sendo engordados para darem alimento ás tribus antropophagas e servirem de pasto aos seus instinctos ferozes.

Esses pobres diabos são alimentados com sollicitude—podêra! e não trabalham. De vez em quando, uma especie de intendente de pecuaria vae examinal-os e logo que vê dois ou tres em estado de serem feitos em postas, dá parte ao chefe da tribu, que reúne a sua gente para o sacrificio.

Os desventurados não se arreceiam da morte e encaram-na com uma indifferença pasmosa.

O sacrificio tem certa solemnidade, para o que ha um ritual proprio. A victima é sentada n'um poste, distante do qual ha um bambù, sincado em terra. N'um dado momento, um dos sacrificadores verga o bambù até à altura da cabeça do sacrificio e prende-lh'o aos cabellos. Em seguida um outro acerca-se e d'um golpe corta-lhe a cabeça que fica presa á extremidade superior do bambù, que volta ao seu lugar. Depois, vem a scena, pisada e repisada

pelos viajantes. A tribu exaltada á vista do sangue, precipita-se sobre o cadaver e disputa-lhe os pedaços. Ha creanças, refere o explorador francez, que tendo conseguido arrancar á voracidade dos adultos, um pedaço de carne do cadaver, fogem com ella nos dentes e, como os cães, vão comel-a em sitio onde ninguem lh'a possa disputar.

Os olhos e os miolos da victima são dados ao chefe da tribu. E' uma distincção.

Entretanto, os outros continuam na engorda, até que lhes toque a vez.

PERFIS POPULARES LUSITANOS

—**—
VI

O AGUADEIRO ALEMTEJANO

Ha vinte annos ainda, as pequenas e grandes povoações do Alemtejo não tinham o que poderá talvez chamar-se, o sentimento do aguadeiro. Toda a gente ia á fonte, mesmo quem não era serviçal, e mesmo quem não tinha sede nenhuma. A vida não estava ainda despoetisada por todas as convenções de meia tinta, ou de meia tigela, que as estradas e os caminhos de ferro p'ra lá levaram, alluindo o que n'ella havia de patriarcal e caracteristico, e não deixando em seu lugar, senão banalidade e pacotilha. N'aquella enorme provincia quasi toda árida e torrada, onde a

escassez dos habitantes aperta entre elles um laço egualitario, pela recessidade de um esforço commum, na vida dos campos; e onde os creados teem melindres de caracter, superiores aos de quasi todos os patrões; n'aquella provincia, raras vezes poderia saber-se ao certo, em que ponto, na labuta da casa lavradora, acabam as attribuições do dono, e principiam os deveres do serviçal. A consciencia da dignidade pessoal é lá levada a uma altivez, que frequentemente recorda a Andaluzia.

Desde o primeiro fidalgo até ao ultimo moço de lavoura, são todos da mesma casta e do mesmo sangue, para o alemtejano; e não ha superioridade alguma a que elle não torça o beicho, com ar fátuo, antegostando o momento em que tarde ou cedo venham a apanha-lo em delicto flagrante de plebeismo. Mais de uma vez tive occasião de assistir a scenas, onde este nivelamento attinge, pelas formas caricaturaes em que se esvasa, effeitos de optica, pittorescos ao ultimo ponto; e não me seria preciso talvez projectar mui longe o feixe luminoso da memoria, para evocar o luxo simples das grandes familias alemtejanas do meu districto, ha quarenta annos ainda — quando as descendentes dos Zarcos, dos Gamas, dos Mellos, dos Cordovis, dos Lobos, dos Silveiras e dos Pessanhas vinham á missa de capote e lenço, um saquitel de velludo no braço, o vestido de fazenda, severo e monastico, o cordão de ouro ao pescoço ciganas de pedras nas orelhas, e sapatinhos de duraque, sem tacão. Os homens, raro deixavam o josézinho de briche e o chapéo molle, e à sahida do officio davam a mão a todos

os camponezes que passavam, emquanto as «Senhoras sécias» gastavam horas a coxixar com as mulheres d'esses camponios, suas afilhadas, amigas, ou comadres de aguas bentas... Durante as festarolas de junho, pelo S. João e pelo S. Pedro, dignavam-se sempre, as castellãs, vir bailar aos mastros da sua aldeia, com os rapazes do campo, para depois, irem, mail-as outras mulheres, coroadas de capellas de cravos jasmims, e pêros de Santo Antonio, encher á fonte as cantarinhas de barro—as cantarinhas que benzia o padre na vespera, e áquella hora tinham o condão de extrahir do fundo da nascente consoante as edades, ou cura de molestia, ou noivo a geito, ou então uma existencia regalada. Era o bom tempo! Agora, tudo por aquella escampada terra alemtejana começou a perder a côr local. A deslocação facil e barata, permitindo aos camponezes o deixarem os seus burgos, inocula a vida provincial de todas as ridiculas impressões d'essas viagens do homem do trabalho, e desillude-os dos encantos do lar, do amor da fazenda, e da poesia placida e idyllica dos horizontes pastoraes, em cuja linha de engaste, entre céu e terra, elles se tinham acostumado a suppôr que findava o mundo. A crise agraria extenua além d'isso de miseria os pequenos povos. As grandes familias, ou se arruinaram, e extinguiram, ou abandonando as casas solarengas, vivem em Lisboa uma existencia esteril de bailes, e passeios em landau, pela avenida. A vida cada vez se torna, n'esses campos, mais difficil, e a lucta pelo pão é trinta vezes mais aberta do que em Lisboa. Todos pretendem tratar-

se. Já o servo se assenta menos vezes a comer com o patrão, na cosinha das casas lavradoras. O mesmo lar desvirtua-se. As tradições poeticas apagam-se. Caem em desuso os velhos costumes patriarchaes e egualitarios. E na terreola mais pobre, já poucas donas de casa levedam, e tendem, ellas mesmas, a amassadura; ou sequer vão ás Trindades encher na fonte o cantaro de barro, como a Samaritana da parabola de Jesus. Hum! haveria na prática confessa d'estes mestres, demasiado calaceiros, uma desestima que ellas quasi todas pretendem evitar.—E d'esta reclusão proposital da mulherinha que se fez dama, e acha que ir á fonte é occupação impropria de uma sécia, nasceu o aguadeiro da villota alemtejana, o mariola válido e bistrado que a nossa estampa reflecte, e que em vez de cavar nas vinhas, ou de revolver ao ferro de arado o esboroento satão dos sobreiraes, anda de cachimbidos na bocca, o grande relaxado, a apregoar—«quem merca a agua!»—pelas ruellas somnolentas do povo onde os porcos fossam nas estrumeiras, cigarras cham, e um velho sino bate as horas, com uma plangencia sinistra de tam-tam.

FIALHO D'ALMEIDA.

(Dos Costumes populares.)

A PASCHOA DOS JUDEUS

Como é sabido, a Paschoa dos christãos não coincide com a dos judeus.

Para estes começaram estas festas na sexta feira ultima, devendo, segundo o respectivo rito, prolongar-se durante oito dias, dos quaes são considerados rigorosamente festivos

os dois primeiros e os dois ultimos.

A Paschoa dos judeus, cuja significação foi transformada no culto catholico, tem por fim commemorar a partida do povo hebreu para o deserto, quando conseguiu libertar-se do captivo a que estava submettendo no Egypto.

Como essa partida foi realisada precipitadamente, não tendo havido tempo para preparar e fazer fermentar o pão de que se alimentaram antes da fuga, ainda hoje, commemorando essa refeição em que entraram os pães «asimos», isto é, sem fermento, os judeus, durante os oito dias da Paschoa privam-se completamente de pão e apenas se servem de bolacha para acompanhar os diversos alimentos, pratica esta que é rigorosamente seguida pelos judeus portuguezes, attentos observadores dos seus ritos religiosos.

Uma das curiosas praticas seguida pelos israelitas é a seguinte: durante estes dias, como em commemoração da fuga do Egypto, abandonam por completo a cosinha, preparando todas as suas refeições n'um aposento especial, arranjado expressamente para este fim. Todos os utensilios são destruidos ou postos de banda, empregando desde estes dias outros completamente novos que servem até á Paschoa seguinte.

Vem a proposito dizer que o ser «judeu portuguez» é entre os israelitas considerado um verdadeiro titulo de nobreza, pois foi contra elles que com mais severidade e crueza trabalhou o sanguinario tribunal da inquisição.

Ainda hoje se encontram no estrangeiro illustres familias israelitas oriundas de judeus que de Portugal

emigraram em outras épocas, e principalmente no reinado de D. Manoel.

Não é muito numerosa a colónia israelita em Lisboa. Ha cerca de 30 annos os seus membros orçavam por 350 a 400.

Ha em Lisboa tres «synagogas» ou templos israelitas, onde se celebram as ceremonias religiosas do respectivo culto.

PAREMIOLOGIA

I

Dos Contos de proveito e exemplo, de Gonsalo Fernandes Trancoso.—Anno de M D C C X.

1) Primeiro que cases olha o que fazes.—(paginas 6.

2) A moça virtuosa de Deus he esposa. (pag. 18.

3) Não te rias de quem passa. (pag. 19.

4) Os que zombão dos feitos alheyos dão occasião que lhe descubão os seus. (pag. 19.

5) Manha de açougue, quem mal falla mal ouve. (pag. 19.

6) De pequena zombaria nasce grande briga. (pag. 19.

7) Sempre he máo ser zombador, e na barca peyor. (pag. 21.

8) Dar o seu a seu dono. (pag. 23).

9) Ay caçotes, may; ay caçotes.

(pag. 31.

10) Tudo se acaba, senão o amar a Deus (pag. 39.

11) O bem ganhado se perde, mas o mal, elle, e seu dono. (pag. 49.

12) O sangue não se roga. (pag. 63.

13) A quem tem muito dão-lhe mais. (pag. 63.

14) O que Deus permite que seja ninguem o pode estorvar. (pag. 67.

15) O nescio callado por sabio he contado. (pag. 77.

16) A mulher honrada sempre deve ser calada. pag. 78.

17) Dar esmolas não empobrece e furtar o alheio não enriquece. (pag. 88.

18) A orfãa não goza nem o dia de sua boda (pag. 109.

19) A sogra bôa da nora è corôa. (pag. 115.

20) Tudo o que Deus faz he por melhor (pag. 133.

21) Ninguem arma laço que não caya nelle. (pag. 156.

22) Quantas cabeças quantos sisos. (pag. 164.

23) A bôa mulher val mais que ouro. (pag. 164.

24) A folha da arvore não se move sem a vontade de Deos. (pag. 165.

25) Lançar a corda apôz o caldeirão. (pag. 214.

26) Tirar forças da fraqueza. (pag. 296.

Continúa

A. Thomaz Pires.

